

940
Abrantes, 24/7/61

ilustre poetisa e amável senhora:

Treize ~~que~~ que nunca na vida ~~de~~ costei escrever uma cartinha, agora tanto recado impeli-me para lhe dizer qualquer coisa e agradecer sua atenção que me, mesmo os obstáculos mais legítimos me não se apresentaram.

Saúdo-o honrrei.

Seu de temperamento triste e algo melancólico, mas, ao ver sua carta experimentou uma alegria e contentamento tal que se considera desde então bastante feliz.

Porém não tudo corre de forma e nos agradar a primeira parte da sua carta chama-me a atenção para o seu modo de escrever, as suas ideias, as suas palavras, o seu modo de pensar, não pela sua beleza, mas pela que alguns portugueses lhe fizeram.

Entre desde já algumas sinceras homenagens, mas, se necessário for, algo de meu próprio corpo sirva para redimir tal afronta que convergindo não só para a falta de bons portugueses, mas toda a Portugal e a memória de Ganes. São mesquinhos e iniciais os toques que se julgarem grandes valores cometem erros dessa natureza; e é triste ver Portugal afogar-se na miséria por estes cometidos por homens que nem sequer têm competência para se julgar a si próprios. Como a política e febre de governar altera o ser humano! Não sei, boa amiga, mas quizesse que as lágrimas da vergonha que baillam em seus olhos regassem esta carta para que perdesse não só aos que tal lhe fizeram, como a todo este bom e nobre povo que, subjugado, não pode revelar sua hospitalidade. Guedes de Amorim, um escritor português de largos recursos e bastante inteligente, coordenador e revisor, ao saber por seu intermédio o que me narra pede-me para lhe transmitir as suas incondicionais homenagens; e, como este, diversos portugueses me pedem igualmente para lhe transmitir os seus protestos e mais justas provas de admiração pela obra e génio de Gabriela Mistral - um nome que nos habituámos a ver, dado à luz em grande parte por Guedes de Amorim numa página literária que dirige um nome que hoje respeitamos e que eternamente ficará nas páginas de nossas vidas.

Não, não acho justa a sua reacção perante minha carta; numa de forma alguma sou credor de algo supérfluo, justas palavras não a expressão mais pura e simples de toda a minha simpatia e respeito por sua pessoa.

Infelizmente a juventude anda perdida por outras actividades, bastante irracionais, brutas e primitivas, saturada de vícios secretos que os impossibilita de voltar, um momento que seja, os olhos para os problemas de espírito; assim vendo a humanidade precipitar-se em lutas fraternais, em jogos mesquinhos que longe de nos conduzir à perfeição, nos arreastam para a ruína total. O mundo permanecerá de mãos de próprio homem. Hoje tenho medo de tudo; refugio-me em sítios isolados e sinto pavor em pensar no que se rodará; invejo os meus antepassados que, longe de progresso, tinham uma paz e viviam tranquilos, sabendo o que seria o dia de amanhã, educavam os seus filhos e esperavam de que eles seriam felizes na terra que os viu nascer.

[Carta] 1951 jul. 24, Abrantes, [Portugal] [a] [Gabriela Mistral] [manuscrito] Álvaro Leal de Campos Diogo.

Libros y documentos

AUTORÍA

Autor secundario:Mistral, Gabriela, 1889-1957

FORMATO

Manuscrito

DATOS DE PUBLICACIÓN

[Carta] 1951 jul. 24, Abrantes, [Portugal] [a] [Gabriela Mistral] [manuscrito] Álvaro Leal de Campos Diogo. [2] p. ; 34 cm.

FUENTE DE INFORMACIÓN

[Biblioteca Nacional Digital](#)

INSTITUCIÓN

[Biblioteca Nacional](#)

UBICACIÓN

Avenida Libertador Bernardo O'Higgins 651, Santiago, Región Metropolitana, Chile